



Voltairine de Cleyre (1866-1912)

Voltairine de Cleyre, nascida em 17 de novembro de 1866 em Leslie, foi uma ativista e teórica anarquista americana que Emma Goldman considerava "*a mulher anarquista mais talentosa e brilhante que a América já produziu*".

Em seu ensaio *On Direct Action*, ela ressalta que "*a ação direta sempre foi empregada e conta com a sanção histórica das mesmas pessoas que agora a repudiam*".

Poetisa, ensaísta, pioneira feminista e defensora do anarquismo, Voltairine de Cleyre morreu em 20 de junho de 1912, em Chicago, de meningite séptica.



VOLTAIRINE DE CLEYRE

(1866-1912)

<https://cclamazonia.noblogs.org>
cclamazonia@gmail.com
16-05-2023



Essa guerra de classes continuará porque a Vida clama ao mundo, apesar do medo de todos os líderes tímidos; apesar de toda a vingança que os reacionários terão; apesar de todos os benefícios materiais que os políticos obtêm de tal situação. Essa guerra de classes continuará porque a Vida clama sua necessidade de existir, que ela se sufoca na camisa de força da propriedade e que não se submete.

E essa Vida não se submeterá.

Essa luta continuará até que a humanidade se liberte para cantar a Ode ao Homem de Swinburne [2]:

*"Glória ao homem em seus melhores feitos,
pois ele é o mestre de todas as coisas."*

Voltairine de Cleyre

[1] Aristide Briand (1862-1932). Advogado e jornalista, defensor da greve geral, tornou-se secretário-geral do Partido Socialista Francês, que fundou com Jaurès, em oposição aos guesdistas do Partido dos Trabalhadores da França. Hostil às decisões da Segunda Internacional que, em 1904, proibiu os deputados socialistas de se tornarem ministros, ele deixou o Partido socialiste unifié, depois a SFIO. Ele se tornou ministro 25 vezes e presidente do Conselho 11 vezes! Ele reprimiu a greve dos trabalhadores ferroviários em 1910. Antes da Primeira Guerra Mundial e entre as duas guerras, Briand foi a encarnação perfeita, até o ponto da caricatura, do socialista que traiu todos os seus ideais.

[2] Algernon Charles Swinburne (1837-1909). Embora fosse de origem aristocrática, esse poeta romântico inglês era republicano e anticristão. Ele denunciou todos os déspotas de sua época, desde o czar até o papa e o Kaiser.

O artigo a seguir, de Heiner Michael Becker, foi publicado na edição 8 da revista *Itinéraire. Une vie une pensée* dedicado a Emma Goldman (segundo semestre de 1990, 84 páginas).

Feminista, palestrante talentosa, tradutora, escritora... a outra grande dama do anarquismo americano é, no entanto, bem diferente de Emma. Suas origens e formação intelectual, seus temperamentos e personalidades se opõem.

"A primeira vez que a vi - a mulher anarquista mais talentosa e brilhante que os Estados Unidos já produziram - foi na Filadélfia, em agosto de 1893. Eu tinha ido àquela cidade para falar aos desempregados durante a grande crise daquele ano e estava ansioso para conhecer Voltairine: em Nova York, haviam me falado de sua excepcional capacidade oratória. Eu a encontrei na cama, doente, com a cabeça coberta de gelo e o rosto transtornado pela dor. Fiquei sabendo que essa situação se repetia após cada uma das aparições públicas de Voltairine: ela ficava acamada por alguns dias (...). O encontro seguinte foi na Penitenciária de Blackwell's Island. Ela tinha vindo a Nova York para seu discurso magistral. Em defesa de Emma Goldman e da liberdade de expressão [1], e ela me visitou na prisão. Daquela época até sua morte, nossas vidas e nossos esforços pela causa estiveram frequentemente unidos, às vezes em harmonia e às vezes em oposição..." [2] Esta é uma descrição um tanto idealizada de um relacionamento que, na verdade, não era muito harmonioso: essas duas mulheres eram muito diferentes em caráter e temperamento.

Voltairine de Cleyre era anarquista e feminista como Goldman e, como ela, uma agitadora ardente; mas, diferentemente de Emma, ela nunca gostou do público em geral e sempre se manteve distante. Ela era atea e livre-pensadora, mas ao mesmo tempo,

"Ela tinha uma natureza profundamente religiosa. Apesar de sua concepção pragmática da teoria e prática anarquista, ela permaneceu, no fundo, uma fanática com um temperamento sectário, ascético, abnegado e até puritano, comparável aos hereges religiosos do passado." [3] Durante toda a sua vida como ativista anarquista, ela viveu em extrema pobreza, com doenças e infortúnios físicos e emocionais contínuos.

[1] O discurso proferido em Nova York em 16 de dezembro de 1893 foi, na verdade, publicado como In Defence of Emma Goldman and the Right of Expropriation, Voltairine de Cleyre, Filadélfia, 1894.

[2] Emma Goldman, Voltairine de Cleyre, *The Oriole Press, Beckley Heights, 1932*, pp. 5-6. Veja também o trecho de suas memórias em *L'Épopée d'une anarchiste*, Hachette, Paris, 1979, e *Complexes*, Bruxelas, 1984, cap. X, pp. 79-102.

[3] Paul Avrich, *An American Anarchist. The Live of Voltairine de Cleyre*, Princeton University Press, Princeton, New Jersey, 1978, p. 11.

Voltairine De Claire [2], nascida em 17 de novembro de 1866 em Leslie, Michigan, Estados Unidos, era a filha caçula de Hector De Claire (1836-1906) e sua esposa Harriett nascida Billings (1836-1927). Seu pai, francês de nascimento, nasceu em Lille. Aos 18 anos, ele emigrou para os Estados Unidos, onde foi naturalizado após a Guerra Civil por ter participado (junto com um irmão) do exército do Norte. Livre-pensador e admirador de Voltaire, ele emprestou seu nome para sua filha mais nova, que ele preferia que fosse um filho. Em 1867, após a morte acidental da filha mais velha, Marion, a família se mudou para Saint Johns, Michigan, onde Voltairine passou sua infância. Aos quatro anos de idade, ela já sabia ler e começou a escrever logo depois.

Em 1879, Voltairine foi enviada para morar com seu pai (que havia se separado da família no início da década de 1870) em Port Huron e, em setembro do ano seguinte, foi colocada por ele (que havia se convertido ao catolicismo) no convento de Notre-Dame du lac Huron em Sarnia (Ontário, Canadá), onde permaneceu até dezembro de 1881, no que mais tarde ela descreveu como o período mais sombrio e triste de sua vida, "uma prisão". Ela deixou o convento em 21 de dezembro de 1883 e começou a ganhar a vida dando aulas particulares (inclusive de francês).

[2] Foi somente em 1887 ou 1888 que ela adotou a grafia "de Cleyre".

No final de 1885, ela se declarou livre-pensadora e atea, comemorando esse evento com um poema intitulado *The Burial of My Past Self: "E agora, Humanidade, eu me volto para ti; dedicarei meus serviços ao mundo!"* Ela se tornou ativa no movimento secularista e de pensamento livre; morando em Grand Rapids desde 1886, começou a escrever para uma pequena revista semanal de pensamento livre, *The Progressive Age*, da qual logo se tornaria editora. Ela escrevia com frequência sob pseudônimos como "Fanny Fern", "Fanny Forrester" ou "Flora Fox", e confirmou sua nova identidade mudando a grafia de seu nome de "De Claire" para "de Claire" primeiro, e depois para "de Cleyre".

Professora anarquista

Em maio de 1886, o drama dos mártires de Haymarket começou em Chicago, um evento que mudou a vida de Voltairine de Cleyre e de muitas outras pessoas. *"Esta é a minha confissão: quinze anos atrás, em maio passado, (...) eu li, como o resto do mundo crédulo e grosseiro, uma manchete enganosa: 'Anarquistas jogam bomba na multidão em Haymarket, Chicago', e imediatamente gritei: 'Eles deveriam ser enforcados'. E isso apesar do fato de eu nunca ter acreditado na pena capital para criminosos comuns. Nunca vou me perdoar por essa frase ignorante e terrível,*

O poder dos trabalhadores não está na força de seu voto, mas em sua capacidade de paralisar a produção. A maioria dos eleitores não são trabalhadores. Eles trabalham em um lugar hoje e em outro amanhã, o que impede que muitos deles votem; uma grande porcentagem dos trabalhadores deste país são estrangeiros que não têm permissão para votar. Os líderes socialistas sabem disso perfeitamente bem. A prova disso? Eles fazem sua propaganda em todos os pontos para ganhar o apoio da classe capitalista, pelo menos dos pequenos empresários. De acordo com a imprensa socialista, os especuladores de Wall Street garantem que estão prontos para comprar ações de Los Angeles de um diretor socialista, assim como de um diretor capitalista. Os jornais socialistas afirmam que a atual administração de Milwaukee criou uma situação econômica muito favorável aos pequenos investidores; seus artigos publicitários aconselham o povo daquela cidade a ir em Fulano ou Ciclano na Milwaukee Avenue, que os atenderá tão bem quanto uma loja de departamentos dependente de uma grande cadeia comercial. Claramente, como nossos socialistas sabem que não podem conquistar a maioria sem os votos dessa classe social, eles estão tentando desesperadamente conquistar o apoio (e prolongar a vida) da pequena burguesia que a economia socialista eliminará.

Na melhor das hipóteses, um partido de trabalhadores poderia, supondo que seus deputados permanecessem honestos, formar um grupo parlamentar forte que faria alianças *ad hoc* com esse ou aquele outro grupo para obter algumas minirreformas políticas ou econômicas.

Mas quando a classe trabalhadora estiver agrupada em uma grande organização sindical, ela poderá mostrar à classe proprietária, interrompendo repentinamente o trabalho em todas as empresas, que toda a estrutura social se baseia no proletariado; que a propriedade dos patrões não tem valor sem a atividade dos trabalhadores; que protestos como greves são inerentes a esse sistema baseado na propriedade privada e serão recorrentes até que ele seja abolido. E, tendo demonstrado isso na prática, os trabalhadores expropriarão todos os proprietários.

Mas o poder militar", objetará o defensor da ação política, "precisamos primeiro obter o poder político, caso contrário, o exército será usado contra nós!

Contra uma greve geral real, o exército não pode fazer nada. Ah, claro, se você tiver um socialista do tipo Aristide Briand [1] no poder, ele estará pronto para declarar que os trabalhadores são todos "servidores do Estado" e tentar fazê-los trabalhar contra seus próprios interesses. Mas contra a parede sólida de uma massa de trabalhadores imóveis, até mesmo um Briand quebrará seus dentes.

Nesse meio tempo, enquanto a classe trabalhadora internacional não acordar, a guerra social continuará, apesar das declarações históricas de todos esses indivíduos

negativas, elas são amplamente compensadas pelas consequências positivas da ação direta.

Quase todas as leis originalmente concebidas para o benefício dos trabalhadores se tornaram uma arma nas mãos de seus inimigos ou permaneceram letra morta, exceto quando o proletariado e essas organizações impuseram diretamente sua aplicação. Em última análise, é sempre a ação direta que tem o papel principal. Tomemos, por exemplo, a lei antitruste que supostamente beneficiaria o povo em geral e a classe trabalhadora em particular. Há cerca de duas semanas, 250 líderes sindicais foram citados em um tribunal. A Illinois Central Railroad os acusou de formar um trust ao convocar uma greve!

Mas a fé cega na ação indireta, na ação política, tem consequências muito mais sérias: ela destrói todo o senso de iniciativa, sufoca o espírito de revolta individual, ensina as pessoas a confiar em outra pessoa para fazer por elas o que elas mesmas deveriam estar fazendo; e considera natural uma ideia absurda: a passividade das massas deve ser incentivada até o dia em que o partido dos trabalhadores vencer as eleições; então, pela mera mágica de um voto majoritário, essa passividade será subitamente transformada em energia. Em outras palavras, eles querem que acreditemos que as pessoas que perderam o hábito de lutar por si mesmas como indivíduos, que aceitaram todas as injustiças enquanto esperavam que seu partido obtivesse a maioria, que esses indivíduos de repente se transformarão em verdadeiras "bombas humanas", apenas empilhando suas cédulas nas urnas!

As fontes de vida, a riqueza natural da Terra e as ferramentas para a produção cooperativa devem se tornar acessíveis a todos. O sindicalismo deve ampliar e aprofundar seus objetivos, caso contrário, desaparecerá; e a lógica da situação forçará gradualmente os sindicalistas a perceberem isso. Os problemas dos trabalhadores nunca poderão ser resolvidos batendo nos fura-greves, enquanto as altas taxas e outras restrições limitarem a filiação sindical e levarem alguns trabalhadores a ajudar os patrões. Os sindicatos crescerão menos lutando por salários mais altos do que lutando por uma semana de trabalho mais curta, o que aumentará seu número de associados, aceitando todos que quiserem se associar. Se os sindicatos quiserem vencer as batalhas, todos os trabalhadores devem unir forças e agir juntos, agir rapidamente (sem avisar os patrões com antecedência) e garantir sua liberdade para fazer isso sempre. E se, um dia, os sindicatos reunirem todos os trabalhadores, nenhuma conquista será permanente, a menos que eles façam greve por tudo - não por um aumento salarial, não por uma melhoria secundária, mas por todas as riquezas da natureza - e procedam, no processo, à expropriação direta e total!

feroz...". Em dezembro de 1887, ela ouviu um discurso do socialista e advogado Clarence Darrow em uma reunião em memória de Thomas Paine. Isso a impressionou tanto que ela logo se declarou socialista e, seis semanas depois, em Pittsburgh, o anarquismo foi apresentado a ela de forma séria por um anarquista judeu. Já "*sua consciência havia sido despertada, como a minha, na época do assassinato legal em Chicago*" (Emma Goldman), e logo ela se declarou anarquista e começou a participar ativamente do movimento. Lá ela conheceu, entre outros, Dyer D. Lum, o amigo dos mártires de Chicago (ele forneceu a Louis Lingg o cartucho de dinamite que lhe permitiu cometer suicídio em sua cela). Ele se tornou seu "professor", seu amigo mais próximo e também, por algum tempo, seu amante, até cometer suicídio em abril de 1893.

Em 1889, ela se mudou para Filadélfia onde permaneceu em sua maior parte até 1910. Lá, em junho de 1888, em uma conferência, ela conheceu James B. Elliott, um livre-pensador com quem se relacionou e com quem teve um filho [1]. Em 1891, ela começou a ensinar imigrantes judeus na Filadélfia. Aprendeu a ler e, mais tarde, a escrever em iídiche, dando continuidade ao trabalho de sua vida como professora e propagandista anarquista nos círculos judaicos, trabalho comparável no movimento ao de Rudolf Rocker. Mas ela não se limitou à propaganda oral, em suas aulas na Filadélfia

e em turnês de palestras; ela também escreveu, traduziu e publicou artigos políticos, contos e poemas [2]. Seu anarquismo, a princípio individualista e inspirado pela leitura de *Liberty* de Benjamin Tucker, transforma-se, sob a influência de Dyer D. Lum, em um mutualismo mais pronunciado. No final do século, ela desenvolve sua própria forma de anarquismo sem adjetivos, como, ao mesmo tempo, Ricardo Mella na Espanha, Fernando Tarrida del Mármol e Max Nettlau. Como eles, ela defenderá a coexistência de diferentes formas de anarquismo (e socialismo).

Em junho de 1897, ela partiu para uma viagem à Europa. Ela passa quatro meses na Grã-Bretanha e conhece Kropotkin, Louise Michel, Tarrida del Mármol e Nettlau, os anarquistas espanhóis torturados em Montjuich e um bom número de exilados anarquistas franceses. Em agosto, ela chegou a Paris, entre outras coisas para visitar Sébastien Faure e o escritório do *Le Libertaire*, bem como o Muro dos Federados no Père-Lachaise. Ela retorna aos Estados Unidos no fim

[1] Nascido em 12 de junho de 1890, ele recebeu o nome de Vermorel Elliott em homenagem a Auguste Vermorel (nome que mais tarde mudou para Harry de Cleyre) e morreu em 1974.

[2] Entre outras coisas, ela traduziu do francês *La Société mourante et l'Anarchie*, de Jean Grave, publicado em 1899 em São Francisco com o título *Moribund Society and Anarchy*, e *La Commune (inacabado)*, de Louise Michel. Ela também escreveu um romance inédito com Lum.

de outubro, depois de fazer uma turnê de propaganda pela Escócia. Durante algum tempo, ela enviou relatórios da América para a *Freedom* e, em 1900, para o congresso antiparlamentar em Paris, notável pelas datas que acumulou e por seu discurso de propaganda.

Em 19 de dezembro de 1902, quando estava a caminho da aula, um de seus ex-alunos, chamado Herman Helcher, disparou três tiros de pistola contra ela. Ela nunca foi submetida a uma cirurgia, mantendo as balas em seu corpo e sofrendo com elas pelo resto de sua vida. Helcher, um judeu de origem russa, havia sido um de seus admiradores mais dedicados. Seu ato foi explicado pela frustração após esforços inúteis para reconciliar Voltairine de Cleyre e seu amante. Ela se recusou a identificá-lo como o autor do crime e fez tudo o que pôde para poupá-lo de uma condenação. (Mesmo assim, ele foi condenado a seis anos e nove meses de prisão e, pouco tempo depois, foi transferido para um hospital psiquiátrico). Em junho de 1903, ela viajou novamente para a Europa e passou alguns meses na Noruega, depois na Escócia e na Inglaterra para descansar. Em Londres, conheceu Malatesta e Rucker.

Mas logo, ela ainda está sofrendo das consequências do ataque e de suas doenças crônicas. Em 1904, ela foi hospitalizada por algum tempo e, em 1905, tentou (pela segunda vez) cometer

suicídio. Logo depois, ela retomou suas atividades como ativista anarquista, dando palestras regulares e escrevendo artigos, muitos dos quais foram publicados na *Mother Earth* de Emma Goldman (como *The Dominant idea*, março de 1908, e *Anarchism and american Traditions*, dezembro de 1908 e janeiro de 1909). Impressionada por Francisco Ferrer, ela traduziu o ensaio dele sobre *A Escola Moderna* (*Mother Earth*, novembro de 1909 e separadamente em brochura). Em 1910, ela se mudou para Chicago, onde lecionou todos os domingos na nova Modern School.

Na primavera de 1911, ela ficou encantado com a Revolução Mexicana e, em particular, com Ricardo Flores Magón, iniciando uma notável campanha de apoio. A partir de julho de 1911, ela escreveu regularmente para *Regeneración*, o jornal de Magón. Abandonando seu antigo pacifismo tolstoiano, ela depositou sua esperança em uma revolução social que via chegar ao México. Mas, em abril de 1912, ela adoeceu com sinusite, o que trouxe mais complicações. Depois de passar por duas operações malsucedidas, ela ficou paralisada e perdeu a voz. Voltairine de Cleyre morreu no hospital de Chicago em 20 de junho de 1912 e seus restos mortais estão enterrados no cemitério de Waldheim, perto do Haymarket Martyrs' Monument.

Heiner Michael Becker

No meu ponto de vista, não acho que esse evento tenha desempenhado um papel importante na evolução do movimento trabalhista.

E o mesmo acontecerá com a atual campanha vigorosa contra a violência. Nada mudou fundamentalmente. Dois homens foram presos pelo que fizeram (há vinte e quatro anos, seus companheiros foram enforcados por atos que não cometeram) e alguns outros podem ser encarcerados. Mas as forças da Vida continuarão a se revoltar contra suas correntes econômicas. Essa revolta não vacilará, não importa qual partido ganhe ou perca as eleições, até que essas correntes sejam quebradas.

Como podemos quebrar nossas correntes?

Os partidários da ação política nos dizem que somente a ação eleitoral do partido da classe trabalhadora será capaz de alcançar esse resultado; uma vez eleitos, eles entrarão em posse das fontes de vida e dos meios de produção; aqueles que hoje possuem as florestas, as minas, a terra, os canais, as fábricas, as empresas e que também comandam o poder militar à sua disposição, em suma, os exploradores, amanhã abdicarão de seu poder sobre o povo no dia seguinte às eleições que perderam.

E até esse dia abençoado?

Enquanto isso, seja pacífico, trabalhe bem, obedeça às leis, seja paciente e viva uma existência frugal (como Madero [1] aconselhou aos camponeses mexicanos depois de vendê-los para Wall Street).

Se alguns de vocês forem privados de seus direitos civis, nem mesmo se rebellem contra essa medida, pois isso arriscaria "atrasar o partido".

[1] Francisco Madero (1873-1913). Grande proprietário de terras e opositor de Porfirio Díaz, foi apoiado por Pancho Villa. Eleito presidente da República em 1911, foi derrubado por um golpe militar dois anos depois e assassinado.

Ação política e direta

Eu já disse que, às vezes, a ação política alcança alguns resultados positivos - e nem sempre sob pressão dos partidos dos trabalhadores, a propósito. Mas estou absolutamente convencida de que os resultados positivos ocasionais são anulados pelos negativos; assim como estou convencida de que, se a ação direta às vezes tem consequências

Infelizmente, aqueles que sabem como a violência é usada na guerra dos sindicatos contra os patrões não se manifestam publicamente para dizer: "*Em tal e tal dia, em tal e tal lugar, tal e tal ação específica foi tomada; tais e tais concessões foram concedidas como resultado dessa ação; tal e tal patrão capitulou*". Fazer isso colocaria em risco sua liberdade e seu poder de continuar a luta. É por isso que aqueles que sabem mais devem ficar calados e zombar silenciosamente enquanto ouvem os ignorantes. No entanto, somente o conhecimento dos fatos pode esclarecer sua posição.

Oponentes da ação direta

Nas últimas semanas, alguns não foram mesquinhos com palavras vazias. Palestrantes e jornalistas, honestamente convencidos da capacidade da ação política, convencidos de que somente ela pode permitir que os trabalhadores vençam a batalha, denunciaram os danos incalculáveis causados pelo que eles chamam de ação direta (na verdade, eles querem dizer "violência conspiratória").

Um Oscar Ameringer, por exemplo, disse recentemente em uma reunião em Chicago que a bomba lançada na Haymarket Square em 1886 havia atrasado o movimento pela jornada de oito horas em um quarto de século. De acordo com ele, o movimento teria sido vitorioso se a bomba não tivesse sido lançada. Esse senhor está cometendo um erro grave.

Ninguém é capaz de medir com precisão o efeito positivo ou negativo de uma ação, em uma escala de vários meses ou vários anos. Ninguém pode demonstrar que a jornada de oito horas poderia ter se tornado obrigatória vinte e cinco anos antes.

Sabemos que os legisladores de Illinois aprovaram uma lei para a jornada de 8 horas em 1871 e que ela permaneceu letra morta. Também não é possível demonstrar que a ação direta dos trabalhadores poderia tê-la imposto. Quanto a mim, acho que fatores muito mais poderosos do que a bomba de Haymarket tiveram um papel importante.

Por outro lado, se acreditarmos que a influência negativa da bomba foi tão forte, então as condições de trabalho e o exercício das atividades sindicais deveriam ser muito mais díspares em Chicago do que em cidades onde nada tão grave ocorreu. No entanto, o oposto é verdadeiro. Mesmo que as condições dos trabalhadores sejam deploráveis, elas são muito menos ruins em Chicago do que em outras grandes cidades, e o poder dos sindicatos é mais desenvolvido lá do que em qualquer outro lugar, exceto São Francisco. Portanto, se quisermos tirar alguma conclusão sobre os efeitos da bomba em Haymarket, esses fatos devem ser considerados antes de se fazer qualquer suposição.

Da Ação Direta

Este texto de Voltairine de Cleyre apareceu na *Mother Earth* (1912), a revista anarquista editada por Emma Goldman. A tradução, as anotações e os intertítulos são de Yves Coleman para a revista *Ni patrie ni frontières* n°2, novembro de 2002.

Do ponto de vista de alguém que pensa ser capaz de discernir o caminho para o progresso humano, se é que deve haver progresso; do ponto de vista de alguém que discerne esse caminho no mapa de sua mente e se esforça para indicá-lo aos outros, para mostrá-lo a eles como ele o vê; do ponto de vista de alguém que, ao fazer isso, escolheu expressões que são claras e simples para ele ao comunicar seus pensamentos aos outros - para esse indivíduo, parece infeliz e confuso para a mente que a expressão "ação direta" adquiriu repentinamente um significado limitado aos olhos da maioria da opinião pública, que não está incluído nessas duas palavras, e que aqueles que pensam como ele certamente nunca deram a esta expressão.

Entretanto, o progresso muitas vezes prega peças naqueles que se julgam capazes de fixar suas fronteiras e limites. Com frequência, nomes, frases, lemas e palavras de ordem foram virados de cabeça para baixo, sequestrados, invertidos e distorcidos por eventos incontroláveis por aqueles que usaram as expressões corretamente; e aqueles que persistiram em defender sua interpretação e insistiram em ser ouvidos acabaram descobrindo que o período de desenvolvimento de mal-entendidos e preconceitos apenas anunciava um novo estágio de pesquisa e compreensão mais profundas.

Tenho a tendência de pensar que é isso que acontecerá com o atual mal-entendido sobre a ação direta. Por meio do mal-entendido, ou da deturpação deliberada, de alguns jornalistas de Los Angeles na época em que os irmãos McNamara [1] se declararam culpados, esse mal-entendido subitamente adquiriu, na mente do público, o significado de "*ataques violentos à vida e à propriedade*" das pessoas. Por parte dos jornalistas, isso foi uma questão de ignorância grosseira ou de total desonestidade. Mas fez com que muitas pessoas se perguntassem o que realmente é ação direta.

[1] Em 10 de outubro de 1910, James e Joseph McNamara, membros dos sindicatos dos tipógrafos e dos construtores, respectivamente, colocaram uma bomba perto do Los Angeles Times com a intenção de causar apenas danos materiais. Infelizmente, a explosão provocou um incêndio violento e 21 funcionários do jornal morreram em consequência disso. Os dois irmãos, sob a orientação de seu advogado Clarence Darrow, declararam-se culpados e evitaram a pena de morte.

O que é ação direta?

Na realidade, aqueles que a denunciam com tanto vigor e excesso descobrirão, se refletirem um pouco, que eles mesmos praticaram repetidamente a ação direta e o farão novamente.

Qualquer pessoa que tenha pensado, pelo menos uma vez na vida, que tinha o direito de protestar e teve coragem de fazê-lo; qualquer pessoa que tenha reivindicado um direito, sozinha ou com outros, praticou ação direta. Há cerca de trinta anos, lembro-me do Exército de Salvação praticando vigorosamente a ação direta para defender a liberdade de seus membros de falar em público, de se reunir e de orar. Eles foram detidos, multados e presos centenas e centenas de vezes, mas continuaram a cantar, orar e desfilar, até que finalmente forçaram seus perseguidores a deixá-los em paz. Os Industrial Workers of the World [1] estão agora travando a mesma batalha e, em vários casos, forçaram as autoridades a deixá-los em paz, usando a mesma tática de ação direta.

Qualquer pessoa que tenha tido um plano e o tenha executado de forma eficaz, ou que tenha apresentado seu plano a outras pessoas e conquistado o apoio delas para que todas agissem em conjunto, sem pedir educadamente às autoridades competentes que o executassem, qualquer pessoa que tenha feito isso praticou ação direta. Todas as experiências que envolvem cooperação são essencialmente ação direta.

Qualquer pessoa que já teve de resolver uma disputa com alguém e foi diretamente à(s) pessoa(s) em questão para resolvê-la, agindo pacificamente ou por outros meios, praticou ação direta. As greves e as campanhas de boicote são um bom exemplo; muitos de vocês devem se lembrar da ação das donas de casa de Nova York que boicotaram os açougueiros e conseguiram baixar o preço da carne: neste exato momento, um boicote à manteiga está prestes a ser organizado, em face dos aumentos de preços decididos pelos comerciantes.

Essas ações geralmente não são o produto de um raciocínio profundo sobre os méritos da ação direta ou indireta, mas resultam de esforços espontâneos daqueles que se sentem oprimidos por uma determinada situação.

Em outras palavras, todos os seres humanos são, na maioria dos casos, fortes defensores do princípio da ação direta e a praticam. Entretanto, a maioria deles também é a favor da ação indireta ou política. Eles intervêm em ambos os níveis ao mesmo tempo, sem refletir longamente sobre eles. Apenas um número limitado de pessoas se recusa a usar a ação política em uma determinada circunstância, ou até mesmo recusa essa forma de ação

Se forem trabalhadores do setor têxtil, ocorrerá um incêndio de origem desconhecida, pedras voarão por uma janela aparentemente inacessível ou um tijolo será jogado na cabeça de um patrão. Quando os trabalhadores dos bondes entram em greve, eles rasgam os trilhos ou constroem barricadas nos trilhos com carroças ou vagões virados, cercas roubadas, carros queimados. Quando os trabalhadores ferroviários se enfurecem, os motores "expiram", locomotivas malucas dão partida sem maquinistas, as cargas descarrilam e os trens são bloqueados. Se for uma greve de construção, os trabalhadores dinamitam prédios. E sempre há brigas entre os fura-greves e os fura-greves, de um lado, e os grevistas e seus apoiadores, de outro, entre o povo e a polícia.

Para os patrões, uma greve significará holofotes, arame farpado, barricadas, instalações de detenção, policiais e agentes provocadores, sequestros violentos e despejos. Eles inventarão todos os meios possíveis para se protegerem diretamente, sem mencionar o recurso final à polícia, às milícias, às brigadas especiais e às tropas federais.

Todos sabem disso e sorriem quando os dirigentes sindicais protestam, afirmando que suas organizações são pacíficas e cumpridoras da lei. Todos sabem que eles estão mentindo. Os trabalhadores sabem que os grevistas usam a violência, tanto de forma explícita quanto dissimulada, e que eles não têm outros meios, se não quiserem capitular imediatamente. E a população não confunde os grevistas que são forçados a usar a violência com os canalhas destrutivos que os provocam deliberadamente. Em geral, as pessoas entendem que os grevistas fazem isso porque são movidos pela lógica dura de uma situação que não criaram, mas que os obriga a atacar para sobreviver, caso contrário serão forçados a cair direto na miséria até que a morte os atinja, no hospício, nas ruas das grandes cidades ou nas margens lamacentas de um rio. Essa é a situação horrível enfrentada pelos trabalhadores; eles são os seres mais humanos - saem de seu caminho para cuidar de um cão ferido, ou levam um filhote para casa e o alimentam, ou dão um passo para trás para não esmagar uma minhoca - e recorrem à violência contra seus semelhantes. Eles sabem, porque a realidade os ensinou, que essa é a única maneira de vencer, se é que podem vencer. *"Você só terá que votar melhor na próxima eleição"*, dizem algumas pessoas. Sempre me pareceu que essa é uma das respostas mais ridículas que uma pessoa pode dar, quando um grevista lhe pede ajuda em uma situação material difícil e quando faltam seis meses, um ano ou até dois anos para as eleições.

aquela que eles forjaram para si mesmos. Nove em cada dez vezes, os patrões têm medo de greves - embora, é claro, alguns deles possam ficar felizes com isso, mas isso é raro. Os patrões sabem que podem vencer os grevistas, mas têm um medo terrível de que sua produção seja interrompida. Por outro lado, eles não têm medo algum de uma votação que expresse a "consciência de classe" dos eleitores; no chão de fábrica, você pode discutir o socialismo ou qualquer outro programa; mas no dia em que começar a falar sobre sindicalismo, espere perder seu emprego ou, pelo menos, ser ameaçado e mandado calar a boca. Por quê? O patrão não se importa se sabe que a ação política é apenas um beco sem saída onde o trabalhador se perde, e que o socialismo político está se tomando um movimento pequeno-burguês. Ele está convencido de que o socialismo é uma coisa muito ruim - mas ele também sabe que isso não acontecerá amanhã. Por outro lado, se todos os seus funcionários se unirem a um sindicato, ele será imediatamente ameaçado. Seus funcionários ficarão rebeldes, ele terá de gastar dinheiro para melhorar as condições de trabalho, será forçado a manter pessoas de quem não gosta e, se houver uma greve, suas máquinas ou instalações poderão ser danificadas.

Costuma-se dizer, e às vezes repetir até enjoar, que os patrões têm uma "consciência de classe", que estão solidamente unidas na defesa de seus interesses coletivos e estão preparadas individualmente para sofrer todos os tipos de perdas em vez de trair seus chamados interesses comuns. Isso não é absolutamente verdade. A maioria dos capitalistas é exatamente como a maioria dos trabalhadores: eles se preocupam muito mais com suas perdas (ou ganhos) pessoais do que com as perdas (ou ganhos) de sua classe. E quando um sindicato ameaça um patrão, é a carteira dele que está sendo atacada.

Toda greve é sinônima de violência

Hoje em dia, todos sabem que uma greve, não importa o tamanho, é sinônimo de violência. Mesmo que os grevistas tenham uma preferência moral por métodos pacíficos, eles sabem muito bem que sua ação causará danos. Quando os trabalhadores do telégrafo entram em greve, eles cortam cabos e serram postes, enquanto os fura-greves estragam suas ferramentas de trabalho por não saberem como usá-las. Os trabalhadores siderúrgicos entram em conflito físico com os fura-greves, quebram telhas, quebram alguns equipamentos de medição, danificam caros laminadores e destroem toneladas de matérias-primas. Os mineiros danificam trilhas e pontes e fazem explodir instalações.

sistematicamente; mas ninguém, absolutamente ninguém, jamais foi "incapaz" de praticar a ação direta.

A maioria dos que fazem sua profissão de refletir são oportunistas; eles se inclinam às vezes para a ação direta, às vezes para a ação indireta, mas estão acima de tudo prontos para usar qualquer meio assim que uma oportunidade o exigir. Em outras palavras, aqueles que afirmam que o voto secreto para eleger um governador é prejudicial e ridículo são também aqueles que, sob a pressão de certas circunstâncias, consideram indispensável votar em um determinado indivíduo para ocupar um determinado cargo em um determinado momento. Há aqueles que acreditam que, em geral, a melhor maneira de as pessoas conseguirem o que querem é usar o método indireto: ter alguém eleito e colocado no poder que dará força de lei ao que elas querem; mas essas são as mesmas pessoas que às vezes, em condições excepcionais, defendem a greve; e, como já disse, a greve é uma forma de ação direta. Ou eles agirão como os agitadores do Partido Socialista [2] (uma organização que agora se opõe vigorosamente à ação direta) fizeram no verão passado, quando a polícia tentou proibir suas reuniões. Eles foram em peso para os locais de reunião, prontos para falar a qualquer custo, e repeliram a polícia. Mesmo que isso fosse ilógico da parte deles, já que se opunham aos executores legais da vontade da maioria, sua ação foi um exemplo perfeito e bem-sucedido de ação direta.

Aqueles que, por causa de suas convicções profundas, estão comprometidos com a ação direta são apenas... mas quem? Os não-violentos, precisamente aqueles que não acreditam na violência de forma alguma! Não me entenda mal: não acho de forma alguma que ação direta seja sinônimo de não-violência. A ação direta às vezes leva à violência mais extrema, às vezes a um ato tão pacífico quanto as águas pacíficas de Siloé [3]. Não, os verdadeiros não-violentos só podem acreditar em ação direta, nunca em ação política. A base de toda ação política é a coerção; mesmo quando o Estado realiza coisas boas, seu poder se baseia finalmente em cassetetes, armas ou prisões, porque ele sempre tem a opção de usá-los.

[1] IWW (*Industrial Workers of the World*) ou *Wobblies*... Sindicato revolucionário fundado em 1905 por sindicalistas radicais que se opunham às políticas conservadoras e pró-gestão da Federação Americana do Trabalho. Os *Wobblies* incluíam muitos membros do Partido Socialista da América, do Partido Trabalhista Socialista e de outros grupos radicais de esquerda. Durante a década de 1910, a IWW desempenhou um papel importante na luta pelos direitos dos trabalhadores americanos. Ativistas famosos como John Reed (autor do clássico *Ten Days That Shook the World*), *Mother Jones*, *Big Bill Haywood*, *Joe Hill* e outros apoiaram a ideia de um "grande sindicato único" na esperança de que os trabalhadores de todo o mundo pudessem

se unir e lutar juntos contra seus opressores capitalistas. De 1905 a 1920, o IWW organizou centenas de milhares de trabalhadores nas minas, fábricas e entre os camponeses. Eles nunca tiveram mais de 150.000 membros em um determinado momento, mas quase 3 milhões de pessoas pertenceram a eles em um momento ou outro. O IWW estava sediado principalmente no oeste dos Estados Unidos, onde organizou mulheres e homens, negros e brancos, imigrantes e americanos em sindicatos industriais não categóricos. Seu objetivo explícito era derrubar o capitalismo e muitos de seus membros simpatizavam com a Revolução de Outubro. Em 1917, o governo lançou uma forte repressão contra o IWW e a influência do sindicato diminuiu rapidamente. A organização, agora anarco-sindicalista, ainda existe, mas tem apenas algumas centenas de ativistas.

[2] Partido Socialista: criado em 1901, esse partido tinha mais de mil membros eleitos (incluindo um congressista) em 1912 e desempenhou um papel importante nos sindicatos da Federação Americana do Trabalho na época. Os três líderes mais importantes foram Eugene Debs, Daniel De Leon e William D. Haywood. Haywood, um defensor da ação direta, foi expulso do partido em 1913, após uma longa discussão na qual o partido decidiu que "o uso da violência e da sabotagem, métodos criados para a guerra de guerrilha, desmoraliza aqueles que empregam esses métodos e abre a porta para os agentes provocadores".

[3] As águas de Silóé: alusão a um reservatório que era a única fonte permanente de água em Jerusalém no século 7 a.C. Tinha a reputação de ter virtudes terapêuticas, como é mencionado no Evangelho segundo João.

Alguns exemplos históricos

Hoje em dia, qualquer estudante americano já ouviu falar da ação direta de alguns homens não violentos como parte de seu currículo de história. O primeiro exemplo que me vem à mente é o dos primeiros Quakers [1] que se estabeleceram em Massachusetts. Os puritanos [2] os acusaram de "perturbar os homens pregando a paz". De fato, os Quakers se recusavam a pagar impostos à igreja, a portar armas e a jurar fidelidade a qualquer governo. (Ao fazer isso, eles praticavam a ação direta, mas de forma passiva). Além disso, os puritanos, defensores da ação política, aprovaram leis para impedir que os Quakers entrassem em seu território, exilá-los, infligir-lhes multas, penas de prisão, mutilação e, finalmente, enforcá-los. Os Quakers continuaram a chegar à América (dessa vez, uma forma ativa de ação direta); e os livros de história nos lembram que, após o enforcamento de quatro Quakers [3] e a flagelação de Margaret Brewster, que foi amarrada a uma carroça e caminhou pelas ruas de Boston, "os puritanos desistiram de silenciar os novos missionários" e que a "tenacidade dos Quakers e sua não violência acabaram triunfando".

Os Knights of Labor também se tornaram praticamente insignificantes, não porque não recorressem à ação direta, nem porque se intrometessem na política, mas porque eram uma massa de trabalhadores heterogênea demais para conseguir combinar seus esforços de forma eficaz.

[1] National Grange of the Patrons of Husbandry: associação de fazendeiros fundada em 1867 que ganhou força após a crise agrícola de 1873, quando os preços dos produtos agrícolas caíram consideravelmente. A Grange era organizada em seções nas quais as mulheres eram admitidas em igualdade de condições com os homens. Os Grangers lutaram contra as dívidas e as altas taxas de frete cobradas pelas ferrovias. O movimento foi importante em Iowa, Minnesota, Wisconsin e Illinois, onde foram aprovadas leis em favor dos agricultores, mas que foram deixadas de lado pelo lobby das ferrovias junto à Suprema Corte. O movimento teve seu auge em 1875, com quase 20.000 membros, e depois declinou em favor de outras forças, como o Greenback Party da década de 1870, as Farmers Alliances da década de 1880 e o Populist Party da década de 1890. O Grange mostrou que os agricultores podiam se organizar e ter um papel político.

[2] A Southern Farmers Alliance foi fundada no Texas em 1875 e a Northern Farmers Alliance em Chicago em 1880. As cooperativas que elas criaram faliram e as alianças se voltaram para a política partidária para formar o People's ou Populist Party (Partido Popular ou Populista), que exigia o sufrágio feminino e o fim da imigração, denunciava a plutocracia ("os banqueiros, os acionistas, as grandes corporações capitalistas"), mas também negros, judeus e católicos (!) e exigia a jornada de 8 horas diárias. O populismo é um dos flagelos da política americana, como a campanha de Clinton em 1992, que alegou O resultado foi um fracasso catastrófico em "colocar os interesses do povo em primeiro lugar".

[3] Cavaleiros do Trabalho. Inicialmente uma organização clandestina, fundada em 1869, ela reunia até 700.000 "produtores": trabalhadores, pequenos comerciantes e fazendeiros. Seu objetivo era substituir o capitalismo por cooperativas de trabalhadores. Sua influência diminuiu a partir de 1886.

Por que os patrões têm medo de greves

Os sindicatos cresceram em um tamanho muito maior do que os Cavaleiros do Trabalho e seu poder continuou a crescer, lentamente, mas seguramente. Sem dúvida, esse crescimento teve suas flutuações, seus retrocessos; grandes organizações surgiram e depois desapareceram. Mas, em geral, os sindicatos são um poder crescente. Apesar de seus recursos escassos, eles ofereceram, a uma certa fração dos trabalhadores, um meio de unir forças, de pressionar diretamente seus patrões e, assim, obter uma pequena parte do que queriam - do que tinham de tentar obter, dada a sua situação. A greve é sua arma natural,

um pouco mais curto; ou contra a redução do salário, a piora das condições de trabalho ou o aumento do dia.

Nenhum desses grupos, com exceção do IWW, reconheceu que há uma guerra social e que ela continuará enquanto as condições sociais e legais atuais continuarem. Eles aceitaram as instituições baseadas na propriedade privada como elas eram. Essas organizações são formadas por pessoas comuns com aspirações comuns e se propuseram a fazer o que consideravam possível e razoável. Ao criar esses grupos, esses ativistas não se comprometeram com uma agenda política específica, eles se uniram para realizar ações diretas, decididas por eles mesmos, defensivas ou ofensivas.

Há vinte e dois anos, conheci ativistas da Farmers' Alliances, da Knights of Labor e sindicalistas que me disseram isso. Eles queriam lutar por objetivos mais amplos do que os propostos por suas organizações, mas também tinham de aceitar seus colegas de trabalho como eram e tentar fazer com que lutassem por objetivos imediatos que eram claros para eles: preços mais justos, salários mais altos, condições de trabalho menos perigosas ou tirânicas, uma semana de trabalho mais curta. Na época em que esses movimentos nasceram, os trabalhadores agrícolas não conseguiam entender que sua luta convergia com a luta dos trabalhadores das fábricas ou dos transportes; nem esses últimos viam seus pontos em comum com o movimento camponês. De fato, ainda hoje, poucos deles entendem isso. Eles ainda não aprenderam que há apenas uma luta comum contra aqueles que se apropriaram da terra, do capital e das máquinas.

Infelizmente, as grandes organizações de camponeses desperdiçaram sua energia em uma corrida insensata pelo poder político. Elas conseguiram assumir o poder em alguns estados, mas os tribunais declararam as leis aprovadas inconstitucionais, e todos os seus ganhos políticos foram enterrados. Originalmente, seu programa era construir seus próprios silos, armazenar os produtos neles e mantê-los fora do mercado até que pudessem escapar dos especuladores. Eles também queriam organizar trocas de serviços e imprimir notas de crédito para os produtos depositados para pagar por essas trocas. Se esse programa de ajuda mútua direta tivesse funcionado, ele teria mostrado, até certo ponto, pelo menos por um tempo, como a humanidade pode se libertar do parasitismo de banqueiros e intermediários. É claro que esse projeto teria acabado sendo liquidado, a menos que sua virtude exemplar tivesse perturbado tanto a mente dos homens que os fizesse querer acabar com o monopólio legal da terra e do capital; mas pelo menos esse projeto teria tido um papel educacional fundamental. Infelizmente, esse movimento perseguiu uma quimera e se desintegrou principalmente por causa de sua futilidade.

Outro exemplo de ação direta, que pertence ao início da história colonial americana: dessa vez não se trata de um conflito pacífico, mas da revolta de Bacon [4]. Todos os nossos historiadores defendem a ação dos rebeldes nesse caso, porque eles estavam certos. E, no entanto, foi uma ação direta violenta contra uma autoridade legalmente constituída. Deixe-me lembrá-lo dos detalhes desse evento: os fazendeiros da Virgínia tinham (com boas razões) um ataque geral dos índios. Eles exigiram, ou melhor, seu líder Bacon exigiu, que o governador lhe concedesse o direito de recrutar voluntários para se defender. O governador temia - e com razão - que uma companhia de homens armados se tornasse uma ameaça para ele mesmo. Portanto, ele se recusou a conceder a permissão a Bacon. Como resultado, os fazendeiros recorreram à ação direta. Eles recrutaram voluntários sem permissão e lutaram vitoriosamente contra os índios. O governador declarou Bacon um traidor, mas o povo estava do lado dele, por isso o governador tinha medo de levá-lo à justiça. Por fim, a situação ficou tão ruim que os rebeldes atearam fogo em Jamestown. Se Bacon não tivesse morrido, muito mais teria acontecido. É claro que a repressão foi terrível, como geralmente acontece quando uma revolta desaparece por si mesma ou é esmagada. No entanto, durante seu breve período de sucesso, essa revolta corrigiu muitos abusos. Tenho certeza de que, na época, os defensores da ação política a todo custo, depois que os reacionários voltaram ao poder, devem ter exclamado: "*Vejam todos os males que a ação direta causa! Nossa colônia retrocedeu pelo menos vinte e cinco anos*"; eles se esqueceram de que, se os colonos não tivessem recorrido à ação direta, os índios teriam tirado seus escalpos um ano antes, em vez de muitos deles terem sido enforcados pelo governador um ano depois.

No período de agitação e entusiasmo que antecedeu a Revolução Americana, houve todos os tipos de ações diretas, das mais pacíficas às mais violentas, e acredito que quase todos que estudam a história americana consideram essas ações a parte mais interessante da história, a que mais facilmente fica na memória, mais facilmente em sua memória.

As ações pacifistas incluíam acordos de não importação, ligas para usar roupas fabricadas na colônia e "*comitês de correspondência*" [5]. Como as hostilidades inevitavelmente cresceram, as ações diretas violentas também aumentaram; por exemplo, selos fiscais foram destruídos, carregamentos de chá foram proibidos de serem desembarcados, colocados em salas úmidas, jogados nas águas do porto, como em Boston, e o proprietário de um carregamento de chá foi forçado a incendiar seu próprio navio, como em Annapolis.

Todas essas ações estão descritas em nossos livros de história, e nenhum autor as condena ou lamenta, embora todas tenham sido ações diretas contra autoridades legalmente constituídas e contra o direito de propriedade. Cito esses e outros exemplos semelhantes para fazer duas observações àqueles que repetem certos argumentos: primeiro, que as pessoas sempre recorreram à ação direta; e segundo, que aqueles que a condenam hoje são também aqueles que a aprovam historicamente.

George Washington liderou a Virginia Planters' League Against Imports; um tribunal certamente o teria "ordenado" a não formar tal organização e, se ele tivesse insistido, teria lhe imposto uma multa por ofensa ao tribunal.

[1] *Quakers: movimento nascido em 1647 a partir de uma revolta contra a Igreja Anglicana. Perseguidos na Inglaterra e na América, onde se estabeleceram em 1681, desempenharam um papel importante na luta contra a escravidão.*

[2] *Puritanos. Originalmente, esse termo se referia a um grupo de presbiterianos rígidos que queriam "purificar" a Igreja Anglicana dos remanescentes da influência católica. Eles começaram a emigrar em 1620, principalmente para a Virgínia e a Nova Inglaterra, para formar comunidades fechadas. Por quase um século, tentaram impor seus padrões intolerantes e perseguiram todos aqueles que não pensavam como eles. Seu apego característico ao significado literal da Bíblia influenciou toda a história americana até os dias de hoje, como atestam muitos aspectos da cultura dos EUA.*

[3] *A última delas foi Mary Dyer, mãe de seis filhos, que foi enforcada em uma árvore em 1660, em Boston. De 1660 a 1677, as irmãs Wright, Mary, Hannah e Lydia, foram a Boston para protestar contra a perseguição aos quakers. Em todas as ocasiões, elas foram presas, julgadas e expulsas da cidade. Os quakers foram despidos até a cintura, amarrados a uma carroça e chicoteados pelas ruas antes de serem expulsos da colônia. Lydia acompanhou Margaret Brewster a Boston, onde entrou em uma igreja puritana vestida como penitente, descalça, com os cabelos ao vento, cinzas na cabeça e um saco cobrindo suas roupas.*

[4] *Nathaniel Bacon (1647-1676) liderou um grupo de colonos rebeldes em 1676 que tomou e incendiou a cidade de Jamestown a fim de obter reformas e maior participação no governo da Virgínia.*

[5] *Os Comitês de Correspondência foram criados em 1774 para coletar as queixas dos americanos contra os britânicos.*

A Guerra Civil Americana

Quando o grande conflito entre o Norte e o Sul se intensificou, foi novamente a ação direta que precedeu e precipitou a ação política. E eu gostaria de salientar que não se engaja nunca, que nenhuma ação política seja sequer contemplada, até que mentes adormecidas

cargos na administração. Sua autobiografia escrita em 1845 é um clássico: Memoirs of an American Slave, traduzido do inglês por Fanchita Gonzalez, Paris, F. Maspero, 1980.

[2] *Lucy Colman (1817-1891) Conferencista e defensora da abolição da escravatura e da igualdade das mulheres, contra o racismo e a discriminação (especialmente nas escolas onde lecionava), tornou-se livre-pensadora e agnóstica no final de uma vida cheia de reviravoltas e anedotas saborosas como esta: Em uma reunião do movimento pelo sufrágio feminino, diante de uma moção de Frederick Douglass, que declarou francamente: "O autossacrifício é um valor positivo que deve ser ensinado a todas as mulheres", ela perguntou a ele:*

"Por que você mesma não aplicou essa virtude quando era escrava? E a resolução de Lucy Colman, que defendia o direito das mulheres "de não acreditar mais na autoridade, mas apenas em sua própria razão", foi adotada sem problemas.

[3] *Free Soilers: membros do Free Soil Party (Partido do Solo Livre). Fundado em 1848, esse partido se opunha à extensão da escravidão para os novos territórios e à admissão de estados escravistas na União.*

[4] *Harpers Ferry, o arsenal que John Brown tentou tomar e que marcou o fim de sua luta.*

Lutas atuais contra a escravidão salarial

Agora somos oprimidos neste país - e não apenas aqui, mas em todas as partes do mundo que desfrutam dos benefícios contrastantes da civilização. E, assim como a antiga escravidão, a nova provoca ações diretas e políticas. Uma fração da população americana produz a riqueza material que permite que todos vivam; assim como quatro milhões de escravos negros sustentavam a multidão de parasitas que os comandavam. Hoje são os trabalhadores agrícolas e industriais.

Por meio da ação imprevisível de instituições que nenhum deles criou, mas que estão em funcionamento desde o seu nascimento, esses trabalhadores, a parte mais indispensável de toda a estrutura social, sem cujo trabalho ninguém poderia comer, vestir ou se abrigar, esses trabalhadores, eu disse, são precisamente aqueles que têm menos comida, roupas e a pior moradia - sem mencionar os outros benefícios que a sociedade supostamente deveria proporcionar, como educação e acesso a prazeres artísticos.

Esses trabalhadores, de uma forma ou de outra, uniram seus esforços para ver sua condição melhorada; primeiro, por meio de ação direta, segundo, por meio de ação política. Temos grupos como a Grange [1], as Farmers' Alliances [2], cooperativas, colônias experimentais, os Knights of Labor [3], sindicatos e a Industrial Workers of the World. Todos eles organizaram os trabalhadores para aliviar o fardo da exploração, por preços mais baratos, condições de trabalho menos catastróficas e um dia de trabalho

Posteriormente, quando os políticos desorientados, sempre ansiosos por não fazer nada, aprovaram a Lei Kansas-Nebraska, que deixava a cargo dos colonos a decisão sobre a legalidade da escravidão, os defensores da ação direta de ambos os lados enviaram pseudo-colonos para esses territórios e entraram em conflito. O lado pró-escravidão veio primeiro; eles escreveram uma constituição que reconhecia a escravidão e uma lei que punia com a morte qualquer pessoa que ajudasse um escravo a fugir; mas os Free Soilers [3], que chegaram um pouco mais tarde porque vieram de estados mais distantes, escreveram uma segunda constituição e se recusaram a reconhecer as leis de seus oponentes. John Brown estava entre eles e usou de violência, às vezes abertamente e às vezes secretamente. Políticos decentes e amantes da paz o consideravam um "*ladrão de cavalos e assassino*". E não há dúvida de que ele roubou cavalos, sem contar a ninguém sobre sua intenção de roubá-los, e que matou pessoas pró-escravidão. Ele lutou e se safou muitas vezes antes de tentar assumir o controle do Harpers Ferry Arsenal [4]. Ele não usou dinamite apenas porque ela ainda não era uma arma comum na época. Ele fez muito mais atentados contra a vida das pessoas do que os irmãos McNamara, cujos "*métodos assassinos*" o Sr. Dobbs condena. No entanto, os historiadores entenderam o significado das ações de John Brown. Esse homem violento, com sangue nas mãos, foi condenado e enforcado por alta traição, mas todos sabem que ele era uma alma forte, bela e altruísta que não suportava o fato de quatro milhões de homens serem tratados como animais. John Brown achava que lutar contra essa injustiça, esse crime horrível, era um dever sagrado que ele estava cumprindo por ordem de Deus - pois esse homem muito religioso pertencia à Igreja Presbiteriana.

É por meio das ações, pacíficas ou violentas, dos precursores da mudança social que a Consciência Humana, a consciência das massas, desperta para a necessidade de mudança. Seria absurdo afirmar que nenhum resultado positivo jamais foi alcançado por meios políticos tradicionais; às vezes, há coisas boas. Mas nunca até que a revolta individual e, em seguida, a revolta das massas a imponham. A ação direta é sempre o arauto, o gatilho, que torna a grande massa de indivíduos consciente de que a opressão está se tornando intolerável.

[1] Frederick Douglass (1817-1895). *Filho de um homem branco e de uma escrava negra, ele nunca conheceu seu pai e foi separado de sua mãe ainda muito jovem. Viveu em uma plantação até os 8 anos de idade e depois foi enviado para Baltimore como servo. A esposa de seu senhor o ensinou a ler, embora isso fosse ilegal. Em seguida, ele teve de voltar a trabalhar na plantação. Aos 21 anos, fugiu e tornou-se um famoso palestrante e jornalista. Defensor do sufrágio feminino, ele ocupou vários cargos de liderança.*

tenham sido despertadas por atos de protesto direto contra as condições existentes.

A história do movimento abolicionista e da Guerra Civil é um enorme paradoxo, embora saibamos bem que a história é uma cadeia de paradoxos. Politicamente, os estados escravistas estavam lutando por maior liberdade, pela autonomia de cada estado e contra qualquer intervenção do governo federal; por outro lado, os estados não escravistas queriam um estado forte e centralizado, o que os secessionistas condenavam com razão porque daria origem a formas de poder cada vez mais tirânicas. E foi isso que aconteceu. Desde o final da Guerra Civil, o poder federal tem invadido cada vez mais as prerrogativas dos estados individuais. Os escravagistas modernos (industriais) se encontram continuamente em conflito com o poder centralizado contra o qual os escravagistas de outrora protestavam (liberdade na boca, mas tirania no coração). Do ponto de vista ético, eram os estados não escravistas que, em teoria, defendiam maior liberdade, enquanto os secessionistas defendiam o princípio da escravidão. Mas essa posição eticamente justa era muito abstrata: em geral, a maioria dos nortistas, que nunca haviam convivido com escravos negros, achava que essa forma de exploração provavelmente era errada, mas não tinham pressa em acabar com ela. Somente os abolicionistas, uma minoria infime, tinham uma posição ética real: para eles, somente a abolição da escravidão importava - eles não se importavam com a secessão ou a união dos estados americanos. Tanto que muitos deles defendiam a dissolução da União; acreditavam que o Norte deveria tomar a iniciativa para que os nortistas não fossem mais acusados de manter os negros acorrentados.

É claro que todos os tipos de pessoas, com todos os tipos de ideias, queriam abolir a escravidão: Quakers como Whittier [1] (os Quakers, partidários da paz a todo custo, foram de fato os primeiros partidários da abolição da escravidão, assim que chegaram à América); partidários moderados da ação política que queriam comprar de volta os escravos para resolver o problema rapidamente; e pessoas extremamente violentas que acreditavam na violência e realizavam todos os tipos de ações radicais.

Quanto aos políticos, durante trinta anos eles tentaram se esquivar, comprometer, barganhar, manter o *status quo*, persuadir ambos os lados, quando a situação exigia ação, ou pelo menos uma paródia de ação. Mas '*as estrelas em seu curso lutaram contra Sisera*' [2], o sistema desmoronou por dentro e, sem sentir o menor remorso, os defensores da ação direta ampliaram as rachaduras do edifício escravagista.

Entre as diferentes expressões de revolta direta estava a organização da "ferrovia subterrânea". A maioria dos que participaram dela apoiava ambas as formas de ação (direta e política); no entanto, embora em teoria acreditassem que a maioria tinha o direito de criar e aplicar leis, não acreditavam totalmente nisso. Meu avô fazia parte dessa rede clandestina e ajudou muitos escravos a chegarem ao Canadá. Ele era um homem que seguia as regras, na maioria dos aspectos, embora eu sempre achasse que ele respeitava a lei porque raramente tinha de lidar com ela; tendo sempre levado uma vida de pioneiro, a lei geralmente o afetava à distância, enquanto a ação direta tinha o valor de um imperativo para ele. No entanto, por mais legalista que fosse, ele não respeitava as leis sobre escravidão, mesmo que tivessem sido aprovadas por uma maioria de 500%. E ele violou conscientemente todas aquelas que o impediam de agir.

Às vezes, o bom funcionamento da "ferrovia subterrânea" exigia o uso da violência, e ela era usada. Lembro-me de uma velha amiga que me contou que ela e sua mãe vigiaram a porta de casa a noite toda enquanto um escravo procurado estava escondido no porão. As duas eram descendentes de quakers e simpatizavam com suas ideias, mas tinham uma espingarda à mão sobre a mesa. Felizmente, elas não precisaram atirar naquela noite.

Quando a Lei do Escravo Fugitivo foi aprovada, graças a alguns políticos do norte que ainda queriam persuadir os proprietários de escravos, os ativistas diretos decidiram libertar os escravos que haviam sido recapturados. Houve a "Operação Shadrach" e depois a "Operação Jerry" (esta última sob a liderança do famoso Gerrit Smith [3]), e muitas outras que tiveram sucesso ou fracassaram. No entanto, os políticos continuaram a manobrar e a tentar conciliar o irreconciliável. Os defensores mais legalistas da paz a todo custo denunciaram os abolicionistas, da mesma forma que pessoas como William D. Haywood [4] e Frank Bohn [5] são denunciados por seu próprio partido atualmente.

[1] John Whittier (1807-1892) Poeta americano que se opunha à escravidão. A sudeste de Los Angeles, Califórnia, há uma cidade fundada por quakers que leva seu nome.

[2] A citação é de Juízes 5:20: "As estrelas pelejaram desde os céus, e desde as suas veredas pelejaram contra Sísera". O Antigo Testamento faz alusão a uma intervenção milagrosa das estrelas em favor dos judeus durante sua batalha contra o general Sísera.

[3] Gerrit Smith (1797-) Filantropo e reformador social, o único membro do Congresso a apoiar a abolição da escravidão; ele financiou John Brown e esteve envolvido no ataque ao Harpers Ferry Arsenal. Defensor da igualdade das mulheres, acreditava, no entanto, que os negros deveriam receber o voto antes das mulheres.

[4] William D. (conhecido como "Big Bill") Haywood (1869-) Trabalhou como mineiro desde os 9 anos de idade e perdeu um olho em um acidente de trabalho. Após as graves derrotas sofridas pelos mineiros a partir de 1901, ele desenvolveu a ideia de um "grande sindicato único" e desempenhou um papel importante na criação do IWW. Em 1917, o governo prendeu Haywood e uma centena de outros ativistas sob a acusação de espionagem e também por convocar greves durante a guerra. Big Bill foi condenado a uma longa pena de prisão, mas fugiu para a União Soviética, onde morreu em 1928.

[5] Frank Bohn, esse ativista de esquerda do Partido Socialista e do IWW, teve um péssimo resultado, pois terminou sua carreira como membro do Partido Republicano!

John Brown

Outro dia, li no *Chicago Daily Socialist* uma carta do secretário do Partido Socialista de Louisville para o Secretário Nacional. O Sr. Dobbs pediu que o Sr. Bohn, que falaria em sua cidade, fosse substituído por um palestrante mais responsável e razoável. Para explicar sua abordagem, ele citou uma passagem da palestra de Bohn: "Se os irmãos McNamara tivessem defendido com sucesso os interesses da classe trabalhadora, eles estariam certos, assim como John Brown estaria certo se tivesse conseguido libertar os escravos. Para John Brown, assim como para os McNamaras, a ignorância foi seu único crime".

O Sr. Dobbs comentou. "Fazemos uma forte exceção a essas declarações. Essa comparação entre a revolta aberta - embora equivocada - de John Brown, por um lado, e os métodos clandestinos e assassinos dos irmãos McNamara, por outro, é produto de um raciocínio vazio que leva a conclusões lógicas muito perigosas".

O Sr. Dobbs certamente não tem conhecimento da vida e das ações de John Brown. Esse firme defensor da violência teria tratado com desprezo qualquer um que tentasse fazê-lo parecer um cordeiro. E quando uma pessoa acredita na violência, cabe somente a ela decidir qual é a maneira mais eficiente de aplicá-la, dependendo das condições concretas e de seus próprios meios. John Brown nunca hesitou em usar métodos conspiratórios. Aqueles que leram a Autobiografia de Frederick Douglass [1] e as Memórias de Lucy Colman [2] sabem que John Brown planejava organizar uma série de campos fortificados nas montanhas da Virgínia Ocidental, Carolina do Norte e Tennessee, enviar emissários secretos entre os escravos para induzi-los a se refugiarem nesses campos e, em seguida, refletir as medidas e condições necessárias para fomentar a revolta entre os negros. Esse plano fracassou principalmente porque os próprios escravos não desejavam a liberdade com força suficiente.